

**Revista de Literatura,
História e Memória**



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 25 - 2019

UNIOESTE/CASCAVEL - P. 298-316

**PERSONAGENS VEROSSÍMEIS: A VIVÊNCIA
CONTEMPORÂNEA EM *O CÃO SEM PENAS*, DE PAULO
SESAR PIMENTEL**

Believable characters: contemporary living in Paulo Sesar
Pimentel's *O cão sem penas*

Vanderley da Silva¹
Rosana Rodrigues da Silva²

RESUMO: Este artigo analisa as narrativas da coletânea *O cão sem penas* (2014), publicado pelo escritor mato-grossense Paulo Sesar Pimentel. Pretende-se, neste estudo, dar destaque ao elemento vital na construção do enredo narrativo, as personagens. Objetiva-se identificar as personagens e caracterizá-las, analisando os aspectos: físicos, psicológicos, sociais e históricos; seu modo de ser, seu perfil,

suas motivações, seus desejos, seus valores e seus anseios, suas vivências no mundo contemporâneo. Busca-se também explicitar que esse elemento da narrativa é trabalhado de maneira que a sua configuração resulta da relação com os demais elementos que contribuem na construção de sentido de um texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Análise das personagens; *O cão sem penas*; Paulo Sesar Pimentel.

ABSTRACT: This article analyzes the narratives of the collection *O cão sem penas* (2014), published by the writer Mato Grosso born Paulo Sesar Pimentel. This study highlights the vital element in the construction of the narrative plot, the characters. It aims to identify the characters and characterize them, analyzing their physical, psychological, social and historical aspects; as well as their way of being, their profile, their motivations, their desires, their values and their yearnings, their experiences in the contemporary world. It also seeks to make explicit that this element of the narrative is worked in such a way that its configuration results from the relation with the other elements that contribute in the construction of meaning of a literary text.

KEYWORDS: Analysis of the characters; *O cão sem penas*; Paulo Sesar Pimentel.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo é fruto de uma parte da dissertação de mestrado *A morte em*

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - Campus de Sinop. Linha de Pesquisa: Estudos Literários. E-mail: vanderleydasilva2009@hotmail.com

² Doutora em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto. Mestre em Letras pela UFRGS e Graduada em Letras pela UNESP, campus de Assis. Professora da UNEMAT, (Universidade do Estado do Mato Grosso), campus de Sinop, do curso de graduação em Letras; Mestrado profissionalizante (PROFLETRAS) e do Mestrado acadêmico (PPGLETRAS). E-mail: rosana.rodrigues@unemat-net.br

perspectiva: espaços moribundos no conto de Paulo Sesar Pimentel do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLETRAS) de 2019. Objetiva-se nesta pesquisa analisar os contos publicados na obra *O Cão Sem Penas* (2014) do escritor mato-grossense Paulo Sesar Pimentel. Trata-se de uma análise estrutural, uma vez que recorrendo aos elementos da narrativa, estudam-se as técnicas utilizadas na composição das ‘personagens’ inseridas na coleção. Objetiva-se caracterizar o perfil do indivíduo que convive com a solidão e com o sofrimento diante da morte.

Na chamada literatura contemporânea, tem-se uma narrativa que ressalta a liberdade formal, a valorização do cotidiano, a reescrita de textos do passado, o interesse pelo homem comum e a ordem social. As imagens são modeladas no entrelace da linguagem cotidiana e a literatura torna-se cada vez mais subjetiva, interiorizada, abstrata, construída de experiências mentais, da vida e espírito.

A partir desta fase, observam-se escritores que apresentam em suas obras traços subjetivos. Desvelando o íntimo do indivíduo, seus questionamentos e sua realidade social cotidiana, por meio de uma prosa existencial e concentrada em solo urbano, como o estilo de inovação introduzido na literatura nacional por Clarice Lispector. Revelam-se ainda grandes autores como João Antônio, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa, entre outros, que desenvolvem narrativas curtas e revelam uma denúncia social ou apresentam personagens que ultrapassam as fronteiras da realidade.

A modernidade deixa de ser o lugar para as narrações de grandes ações e passa a expressar o mal-estar do sujeito e das experiências vividas por ele. Segundo Schollhammer (2009, p. 10) “o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente”.

Deste modo, visualiza-se nas obras literárias contemporâneas a retratação da realidade atual da sociedade, por intermédio de pontos de vistas marginais e periféricos; com uma escrita realista, que materializa a loucura, combina a profundidade psicológica com a introspecção, tornando a prosa mais existencial e intimista:

Diríamos, inicialmente, que o novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 54).

Na contemporaneidade, a literatura produzida em Mato Grosso também conta com escritores que apresentam em suas narrativas características da nova “estética modernista”. Proporcionam temas do cotidiano, mostrando a visão de um mundo conturbado, cheio de interrogações, complexidades, egocentrismos e crises existenciais que o homem moderno vem a sofrer.

É importante lembrar que há muitas obras produzidas em Mato Grosso com temas que tendem à “universalidade”; faz-se inegável a importância de se observar como o artista que habita determinado espaço imagina e recria o mundo a partir de um ponto de referência e como dialoga com outros mundos.

Em meio a esse universo de escritores, Paulo Sesar Pimentel vem ganhando significativo destaque com um trabalho de escrita que serve de exemplo à atual literatura produzida em Mato Grosso. Em suas narrativas, os temas do cotidiano envolvem os leitores numa leitura dinâmica de reflexão sobre o comportamento do sujeito na atualidade.

Na coletânea estudada, as grandes protagonistas são as perguntas sobre a vida. Sem preocupar-se em dar a resposta e sem preocupação com finalização ou acabamento o contista discute as relações humanas na atualidade, pretendendo com essas narrativas incomodar e atrair o leitor para o mundo do caos, bem como para mais questionamentos.

Ao ler os contos de Pimentel, em especial a obra selecionada para o presente estudo, *O cão sem penas* (2014), verifica-se que os narradores de sua criação trazem as ações narradas, na maioria das tramas, de forma interiorizada e intimista pelo uso de recursos como a voz em primeira pessoa. Essa técnica vem adensar a vida tanto para o leitor quanto para a personagem, contribuindo para tornar a ficção mais próxima da realidade, ficando difícil saber se é a ficção que imita a vida ou se é a vida que imita a ficção.

Paulo Sesar Pimentel aborda as diversas formas de sofrimentos das personagens, de forma contínua indo do amor à solidão, especialmente diante da morte em contexto e espaço-temporal de uma modernidade urbana agressiva e sempre questionadora, incorporando diferentes perspectivas.

O CAOS NO INTERIOR DOS HERÓIS FICTÍCIOS

O texto narrativo apresenta uma entidade literária que vive a ação narrada, exercendo papéis essenciais na história. As personagens são elementos vitais na construção do enredo

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Vanderley da Silva
Rosana Rodrigues da Silva

deste tipo de texto, praticando ou sofrendo as ações, entrelaçando atitudes, comportamentos, sentimentos e histórias em um dado tempo e espaço. Ao imitar a realidade as personagens ganham vida, por vezes mais verossímeis do que a real:

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade a sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem (CANDIDO, 2011, p. 58).

Ao ler *O cão sem penas* percebe-se que as personagens de Paulo Sesar Pimentel, em parte significativa das narrativas da coletânea, são construídas com narrador-personagem caracterizadas como heróis/heroínas de sua narrativa, que localizadas perto do universo narrado transmitem à trama impressões, desejos e sentimentos particulares, sob uma perspectiva própria.

Desta forma, Pimentel denuncia os problemas existenciais das personagens por meio da análise psicológica do sujeito na modernidade, mostrando seu caos interior e a aridez do mundo real. A partir das personagens o leitor vai confrontando suas percepções sobre o outro e o mundo, principalmente em relação à figura do protagonista, pois o herói é “o personagem que recebe a carga emocional mais viva e acentuada [por isso é] seguido pelo leitor com a maior atenção. Provoca a compaixão, a simpatia, a alegria e a tristeza do leitor” (TOMACHEVSKI, 1976, p. 195).

Nessa coletânea de treze narrativas, nove são narradas em primeira pessoa, trazendo personagens que relatam seus sofrimentos diante do mundo moderno sob um ponto de vista próprio. Sendo assim, a caracterização da personagem é inferida pelo leitor a partir das ações, atitudes e comportamentos do narrador e de outras personagens.

No conto *De corpo e Alma* o autor traz uma personagem protagonista, herói da narrativa. Identificada como um homem casmurro, egocêntrico, fechado em seus próprios pensamentos, velho, saudosista e conservador: “Moro em uma casa velha, com paredes que um dia foram caiadas de branco reluzente, na época em que havia um jardim com flores muito cuidadas, podadas, repletas das cores que compõem um arco-íris” (PIMENTEL, 2014, p. 09).

Essa personagem insegura identifica-se com o sujeito atual, visto que no mundo contemporâneo proliferam-se as dúvidas, sejam referentes ao futuro e/ou ao desconhecido: “Estou preso a essas paredes e sei onde é a porta, sei onde é a maçaneta, sei como movê-la, mas continuo aqui, contando grãos, contando areia” (PIMENTEL, 2014, p. 13). Além disso, a

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Vanderley da Silva
Rosana Rodrigues da Silva

personagem, devido a uma dada situação, se tornou ansiosa e obsessiva para com a tarefa que lhe foi atribuída: “Algo me prende aqui, uma vontade, uma obsessão, uma necessidade doida de vagar, transitar, vislumbrar, lobrigar o mundo” (PIMENTEL, 2014, p. 13).

Adiante, na obra as personagens são construídas sem identidade própria, com ausência de nome, idade e profissão, sendo referidas por meio dos pronomes pessoais ou identificadas pelos títulos das narrativas. Fatos que reforçam o esvaziamento identitário, a caracterização de sujeitos coisificados, que não conseguem construir laços de amizade e respeito.

Outra personagem que se mostra insegura e angustiada é o protagonista de *O ano em que papai morreu*, o qual se apresenta aborrecido desde a infância com as brincadeiras compartilhadas entre os amigos e familiares: “Todas as outras crianças das fazendas vizinhas, agitavam-se e olhavam o céu com maravilha. Eu achava inútil aquilo, até porque se apagava tão rápido, enchia os olhos de um brilho que lançava faíscas à alma e doía em algum lugar” (PIMENTEL, 2014, p. 31). E continua sendo pessimista até a fase adulta:

Nessa noite, houve festa, atabaques, tambores, cantorias gritos e risos [...] festa, enfim. Eu me encolhi num canto e assisti, achando tudo aquilo desnecessário, afinal papai estava no andar de cima, doente, parado há muito tempo, sem participar e, mesmo que pudesse, duvido que papai fosse à festa (PIMENTEL, 2014, p. 32).

Nota-se que havia festa, risos e alegria na casa onde se desenvolve a trama, mas o narrador-personagem se encolhe em um canto revelando um estado preocupado, repleto de conflitos interiores, desacreditado e sem esperança no que via. Um ser avaliador e classificador da “felicidade” – representada pelos substantivos “festa, atabaques, tambores, cantorias gritos e risos” – que em sua visão deveria ceder lugar a “tristeza”, considerando que o patriarca de sua família encontrava-se enfermo naquele mesmo recinto. Reafirmando ser uma pessoa negativa, o narrador acha tudo “desnecessário” e sente-se totalmente deslocado do grupo, do momento e lugar. Essa negatividade se potencializa no emprego da frase “mesmo que pudesse, duvido que papai fosse à festa”, com realce ao termo de oposição ‘duvido’.

Em vários contos de Pimentel, o narrador-personagem apresenta traços típicos de sujeitos melancólicos e pessimistas, demonstrando-se insatisfeitos com os mais variados aspectos de suas vidas. Como em *Água, lama, terra, fuligem, ar* onde, narrado por um sujeito que também é personagem principal, há o incômodo e a angústia em relação à sujeira que uma fábrica faz em seu corpo e na sua casa.

Fábrica que poderia ser sinônimo de trabalho, transformação de matérias-primas em produtos e progresso, porém na visão da personagem representa algo ruim e que lhe causa sofrimento. No início da narrativa a sujeira vem de fora, mas depois passa a fazer parte do seu corpo, de sua vida: “Há óleo escorrendo de mim, de meus poros e, triste, não desamparado, não louco, não fora de mim, mas dentro, percebo que a fuligem, o fumo ardido, não vem de fora, nunca veio de fora, brota de mim, vem de mim, está em mim” (PIMENTEL, 2014, p. 41).

No mundo moderno, às vezes, o sujeito se esconde atrás dos muros criados pela própria mente para se defender das frustrações da vida. Por mais que o indivíduo saiba que cometeu um erro, sua mente ativa mecanismos defensores que tentam encontrar maneiras de fazer com que ele escape da culpa:

Em nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência (BAUMAN, 2005, p. 38).

Assim, partindo do pressuposto de que cada nível da consciência possui necessidades próprias e motivações primárias, a individualização em demasia em confronto com a estabilidade interna e o equilíbrio externo gera no ser uma desordem que ocasiona os mais diversos problemas de relacionamentos.

Como exemplificação tem-se o conto *Bagagem*, em que a personagem principal, uma dona de casa, relata sua própria história e mostra ser uma mulher irritada com a vida que leva, fazendo grosserias às pessoas ao seu redor e buscando fatores para justificar seu mau comportamento: “Já sei, você, vai falar dos tapas e socos que dei em você, que dei na criança, mas você deve saber que foi necessário. Poxa, vocês o tempo todo me irritando, o tempo todo me sugando, o tempo todo” (PIMENTEL, 2014, p. 55). A personagem também tenta explicar que se comporta daquela forma devido à culpa que o sujeito traz consigo no nascimento, características herdadas dos seus antepassados:

Herdamos dos nossos pais, avós, dessa corja toda, medos e pecados, tantos horrores que já vieram e estão por vir, tudo em nós, uma roupa emprestada, empestada de dor e doença, que ao longo da vida substituímos pela nossa, nossa dor, nossa doença, nossa roupa. Isso é bagagem. Todo mundo tem, mas quando somos novos, é tão pouca que a bagagem nossa, é tão pequena a lista de nossos pertences, sei lá, vícios, medos, angústias, dores, traumas, neuroses, recalques, instintos, desejos, tudo isso de podre que trazemos na alma que

ainda acreditamos que podemos dividir com alguém uma vida sadia (PIMENTEL, 2014, p. 57-58).

A personagem deste conto também se mostra uma pessoa rancorosa, transferindo a culpa de ter uma psique ‘negativa’ aos seus antepassados – a “corja toda” como ela os referem – e indicando que “bagagem” significa tudo de ruim que o sujeito herda quando nasce. Nesse ponto os ‘horrores’ que já vieram aumentam o medo dos que ‘estão por vir’, despontando para um futuro incerto e que pode trazer danos irreversíveis como a ‘dor’ e a ‘doença’. Essa herança, considerada como um fardo, para o narrador-personagem piora na medida em que o sujeito se torna adulto. Fase em que proliferam os vícios, os medos, as angústias, os traumas e tudo de ruim que vem da/na sua alma.

Para concluir a narrativa a personagem tenta explicar os motivos das perturbações e o porquê de agir daquela forma. Aparenta cansaço, agressividade e pessimismo, transferindo a culpa para alguém na medida em que se apercebe dos problemas da vida, em que a paz torna-se quase inatingível: “Ninguém encontra a paz evitando a vida, mas também ninguém a tem vivendo” (PIMENTEL, 2014, p. 61).

No conto *Desconfiança*, a personagem carregada de características negativas, herdadas pelas desconfianças impostas pela mãe, cresceu num meio inseguro e se tornou uma pessoa calada e reservada por não confiar nos outros: “Eu era uma presa que temia estar entre essas pessoas e, de casa para o trabalho, ou no inverso deste movimento, minha cabeça baixa talvez denunciasse timidez, mas eu ia além” (PIMENTEL, 2014, p. 44).

Desta forma, encontra dificuldades para manter vínculos socioafetivos porque age friamente e evita relacionamentos: “Minha casa se tornou um reduto de conforto e isolamento. Não tive namoradas, na verdade, não tenho namorada. Permaneci tanto tempo virgem, com medo de grutas secretas e desconhecidas” (PIMENTEL, 2014, p. 44). Então, busca nos vícios maneiras de suprir a falta de pessoas em que pudesse confiar:

Saindo do trabalho, eu passava por uma rua boêmia, com cadeiras na calçada, cheiro forte de vômito e urina, o vício marcando seu território por cima, por baixo. Parava em um bar, bem torpe, bem vulgar, muito baixo e comprava meu cigarro, uma carteira por semana, dois ou três cigarros por dia (PIMENTEL, 2014, p. 45-46).

O narrador ao utilizar o adjetivo “boêmia” para caracterizar a rua em que passava diariamente acaba por se assemelhar a esta, local onde indivíduos compareciam na procura de

algo para suprir seus anseios. O ambiente caótico reafirma-se pelo uso dos adjetivos que o caracterizam, transfigurados nas palavras “cheiro forte de vômito” e “urina”, o que indica desordem, sujeira e baixa autoestima das pessoas que convivem no local.

O bar de certa forma pode ser associado ao reflexo da alma da personagem, em que o narrador usa os advérbios de intensidade “bem” e “muito” para potencializar a ideia de desonestidade, vergonha e indecência. Fatos que promovem uma atmosfera permeada de entorpecentes e demonstra ser um espaço “bem torpe”, contribuindo para a criação imagética de um ambiente “vulgar” atrelada às características psicológicas dos sujeitos, que podem ser classificados como pessoas de nível “muito baixo”.

Continuando a caracterização psicológica das personagens de Pimentel, vale lembrar o protagonista herói da narrativa *Estilhaços de alma ou pequenos pedaços do corpo*. Um ser medroso e desconfiado diante dos problemas da vida, uma personagem assustada até nos momentos que deveriam ser de descanso: “Nas manhãs frias e chuvosas dessa estação do ano, já nem sei qual é, acordo assustado. A noite parece ter acabado num piscar e eu sinto o cansaço de quem se virou, debateu-se, perdeu-se e não se achou para acordar” (PIMENTEL, 2014, p. 79). Por sentir-se solitário, essa personagem desvela o medo que abala sua psique tornando-a um ser humano desconfiado de tudo e de todos:

Não confio então em mais nada, não confio em mais ninguém. Não confio nem mesmo na minha humanidade que perco à noite, quando minha alma voa e sempre volta menor. Cigarro aceso, me esqueço de tudo, inclusive dele, sem prazer, sem antídoto, somente a chama que todas as manhãs queima meus dedos. Sei que não é humano, não mais humano, esquecer tanto, temer tanto, fugir demais. Mas é assim, tenho medo (PIMENTEL, 2014, p. 80-81).

A citação auxilia na compreensão acerca do narrador-personagem. A expressão “não confio então” corrobora para a perda de confiança nas pessoas e intensifica-se pelos vocábulos “mais nada” e “mais ninguém”, o que aponta para um sujeito frustrado com a situação em que vive. Então, ao sentir que está perdendo a humanidade aos poucos para o medo e a solidão busca no “cigarro” o prazer do “esquecimento”, para “fugir” das suas angústias encontra na droga um “antídoto” que ameniza os temores diante do mundo e dos problemas.

O protagonista dessa narrativa, centralizador da ação ao seu redor, também se mostra uma pessoa que não se considera ingênua diante da vida, alguém que perdeu o gosto por sonhar: “Não tenho mais aquele gosto de achar que do outro lado do arco-íris está um pote de ouro esperando ser achado ou que, daqui a alguns anos, em uma esquina qualquer eu encontre minha <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Vanderley da Silva
Rosana Rodrigues da Silva

cara metade, minha alma gêmea, sentada em vulgares mesas de bar” (PIMENTEL, 2014, p. 81); e continua preocupado, com medo do que possa acontecer devido a sua insegurança: “Olho o dia e sei que ele se arrastará. Temo a noite, mas também temo o dia. Temo por mim, temo por tudo que pode ou que não pode acontecer” (PIMENTEL, 2014, p. 81).

Na caracterização das personagens que se mostram em uma postura medrosa e às vezes covarde tem-se o protagonista do conto *O cão sem penas*, que sente medo de visitar seu amigo no hospital, medo da doença, do inusitado e da morte: “Quando cheguei ao hospital, meus passos eram autônomos, minha vontade contrariava minhas pernas, meus músculos não respondiam à consciência que gritava medo” (PIMENTEL, 2014, p. 91).

Observando as características psicológicas da personagem, a afirmação de Candido (2011, p. 60) se concretiza: “as personagens são seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério”, pois a personagem além de ser medrosa possui ainda covardia, sentimentos que impedem por um longo tempo a concretização da visita ao amigo de longa data no hospital: “Ele estava no hospital havia três meses. Não nos falávamos nesse tempo. Entubado, ele mal conversava, diziam” (PIMENTEL, 2014, p. 90).

Essa atitude demonstra um ser humano egoísta, carecendo de respeito e de interesse pelas necessidades dos outros, e que se relaciona com as pessoas, principalmente, pela utilidade e benefícios que se pode extrair delas: “A partida era eminente. Para ele não havia salvação. E eu, egoísta, e eu? Salvaria meu corpo, salvaria minha alma, aplacaria minha consciência vê-lo murchar e morrer?” (PIMENTEL, 2014, p. 91). Há também em *O cão sem penas* outra personagem, denominada apenas como amigo do narrador e descrita como uma pessoa fraca fisicamente devido aos sintomas da doença:

Magro, seu peso desabava em peles soltas, em uma agonia de abandono, sopros ancestrais que vagarosamente subiam como fumaça. De seu peito eu via tumores, marcas profundas que na sua vermelhidão pulsavam uma vida sendo roubada, um amante cruel, um ser em outro ser (PIMENTEL, 2014, p. 91).

O adjetivo “magro” é usado pelo narrador para caracterizar a aparência da personagem, ressaltando que a situação vivida por ele o fez perder muito peso, o que contribuiu para a degradação do seu aspecto físico. Fato reforçado pelas expressões “peles soltas”, significando extrema magreza e, “tumores” que visíveis no peito da personagem relacionam-se a inchaços,

um dos sintomas da doença.

Também, pode-se observar o sofrimento de ordem psicológica expressa na frase "agonia de abandono", visto que a solidão e o desprezo permeiam por toda a trama. Faz-se pertinente lembrar que as "marcas profundas de vermelhidão" além de deixarem grandes cicatrizes contribuem para a decadência do enfermo. Nesses casos, ocorre um jogo de transmutação feito pelo narrador, em que o sofrimento interior reflete uma mudança exterior e a dor física modifica o íntimo do ser humano.

O narrador-personagem continua a caracterizar o seu amigo psicologicamente, envolvendo o leitor neste mundo mortificado pelas angústias e sofrimentos: "Não esperava tanta calma naqueles olhos vivos, não esperava tanta placidez num corpo tão magro, tão ferido, tão frágil" (PIMENTEL, 2014, p. 92). Relata o tom da voz do amigo para mostrar seus últimos momentos de vida: "Sua voz, suave, não fraca, inaudível, quase, foi entrecortada por tosses, diversas, muitas" (PIMENTEL, 2014, p. 92).

Adiante, o ser humano desenvolve sua identidade a partir dos tipos de validação e repreensão que recebe ao longo dos anos e do significado que atribui às memórias e experiências vivenciadas. Diante disto, verifica-se no conto *Pai e Filho* a presença de cinco personagens, denominadas como pai, mãe, filho mais velho, filho do meio e filha mais nova.

O filho do meio é a personagem principal, ou seja, o narrador e protagonista da história. Referente ao aspecto psicológico trata-se de uma pessoa sofredora, um jovem integrante de uma família desestruturada, que vive na miséria e precisa caçar animais em meio à floresta para não morrer de fome. Percebe-se também a responsabilidade do menino do meio, pois sempre auxilia o pai nas tarefas diárias:

O menino, leve como qualquer folha inútil, desprezada pela árvore, estacou também, esperando na ação certa do pai o alimento do dia e o fim do suplício de atentar contra a vida, necessário a sobrevivência, carrasco da consciência (PIMENTEL, 2014, p. 16).

Atenta-se que em referência aos aspectos físicos o menino é comparado a uma "leve" folha, para demonstrar a estatura de uma pessoa que não possui recursos financeiros para se alimentar de forma adequada. Em meio à leitura do conto, durante uma caçada, o pai entra em uma mata fechada sem se preocupar com o filho que está logo atrás. A partir deste episódio advém a outra comparação feita pelo narrador "folha inútil desprezada pela árvore". Retornando a questão psicológica, aparece o elemento tortura na medida em que o garoto tinha que auxiliar

o pai no extermínio de uma vida animal em prol da sobrevivência, angústia amenizada pelos vocábulos “o fim do suplício” quando o pai atira na caça.

Os demais irmãos são personagens adjuvantes da trama e no único momento da narrativa em que aparecem, pelo discurso do narrador, faz-se possível detectar insinuações de ciúmes por parte dos irmãos para com o filho do meio, filho unicamente chamado para ajudar o pai quando este precisava: “O mais velho dormia, o protegido primogênito, e a mais nova, a amada caçula, chorava o leite, prontamente oferecido pela mãe” (PIMENTEL, 2014, p. 15).

O pai aparece como um homem calado e que quase não dialoga com os membros da sua família: “horas cansadas e arrastadas pelos pés ligeiros e determinados do pai, sempre pouca ou nenhuma palavra, apenas gestos e vontade, gestos e ação” (PIMENTEL, 2014, p. 16). Mostra-se rude e não atento aos medos, ao sofrimento, cansaço e nem as reações do filho durante a caçada: “o pai passos à frente não percebeu o tombo, não percebeu a fraqueza do filho que deveria ser forte como ele, que deveria ao menos aparentar a hombridade dele, e continuou inabalado e intransigente” (PIMENTEL, 2014, p. 17).

Ademais, possui um lado agressivo e violento: “o ódio enrijecendo os músculos, fortalecendo o tacape, vencendo a inércia, rompendo os ares, criando vento, partindo moléculas de ar, desceu o braço sobre o filho, que não teve anjo para por ele interceder” (PIMENTEL, 2014, p. 19). O narrador, em conversa com o leitor, assinala que talvez o pai se tornou um sujeito agressivo por ser igualmente vítima da violência doméstica no período de sua formação humana e, por esse motivo, repetia a mesma coisa com os seus filhos: “A raiva do pai não corrigiu o erro do filho, mas reescreveu uma história, a mesma história do começo dos tempos” (PIMENTEL, 2014, p. 19).

Destarte, parafraseando Achugar (2016), em relação à identidade o sujeito social pensa ou reproduz conhecimentos a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo como “lê” ou “vive” a “história local”, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado. Assim, a mãe pode ser caracterizada como uma dona de casa religiosa, conformada com a situação em que vive: “a mãe perambulando pela casa e rezando a Deus permanecia no mundo, as contradições de se acreditar, querer viver e sonhar com o morrer” (PIMENTEL, 2014, p. 17).

Agora, no conto *O menino mais triste do mundo* o narrador-personagem surge como um homem triste e preocupado, visto que ao se deparar com um menino infeliz fica angustiado, pensando nos problemas que aquela criança poderia ter: “Não sei se aquele era o olhar mais

triste do mundo, não sei se ele era o menino mais triste do mundo, mas havia tanta, tanta tristeza naquele olhos, não amargura, mas tristeza, como se ele visse o mundo pela primeira vez e chorasse sem lágrimas a dor de saber” (PIMENTEL, 2014, p. 27).

Então o narrador sofre com a tristeza daquele menino: “O mundo continuaria o mesmo e na sua tristeza, aquele menino era o primeiro menino do mundo a sentir o mundo, e sofrer, [...]” PIMENTEL, 2014, p. 29). Ao preocupar-se com o menino, o narrador ainda tece vários questionamentos: “Será que ele amara? Será que fora ferido na alma, no corpo, na pele, por facas por garras, dedos, unhas, palavras, desejos? Será que ele realmente precisava de mim, precisava de minha presença, de minhas lentes gravando sua tristeza” (PIMENTEL, 2014, p. 28).

A outra personagem do conto, o menino, desempenha papel primordial na narrativa, considerando que por intermédio de sua tristeza se constrói a trama. Denominada apenas como menino, vem a ser um sujeito inocente mergulhado em um mar de tristezas: “Havia em sua meninice, sentado à porta de um bar qualquer, uma inocência que destoava completamente de todo esquadro, de qualquer enquadramento, de todas as molduras que eu já usara pra me sentir seguro” (PIMENTEL, 2014, p. 27-28). O narrador também fala das características físicas deste:

Seus olhos escuros, talvez negros, talvez só perdidos, miravam a estrada e no meio de toda urbanidade que se pode almejar em grandes capitais, no meio de aviões que decolavam, aterrissavam, paravam na pista, no meio de carros frenéticos que partiam do nada e chegavam a lugar nenhum, sons metálicos, loucos, asfalto e buracos (PIMENTEL, 2014, p. 29).

Os olhos "escuros" servem ao narrador para caracterizar o tempo, o aspecto físico ("negros") e o psicológico ("perdidos") da personagem. Nesse caso, a cor representa a tristeza interior que se reflete num traço exterior. Esses olhos, aprofundados em sua melancolia e extravio ("perdidos") contrastam, por sua vez, com o tumulto do movimento descoordenado e caótico do entorno do ambiente.

Esses olhos negros "mirando a estrada" posicionam o menino num ponto neutro, entre o "nada" e o "lugar nenhum" do resto do mundo, o que encaminha para a superioridade apontada no final do excerto. Essa superioridade se reforça pela comparação em sinédoque com a personagem do narrador, cuja inferioridade se denuncia na redução da pessoa aos fragmentos da barba, da boca e do riso no "canto esquerdo". Esse se trata de um dos recursos utilizados pelo narrador para fazer do menino triste um contraponto para seu próprio autoquestionamento.

Percebe-se que Pimentel além de compor narrativas com narrador-personagem, herói relatando sua própria história, concebe também na mesma coletânea contos cujo relator encontra-se com a voz em terceira pessoa.

ASPECTOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS DAS ENTIDADES DE PIMENTEL

Observa-se quatro narrativas na seleta que se desenvolvem com narrador em terceira pessoa, visto que Paulo Sesar Pimentel cria entidades abstratas para narrar suas histórias e mostrar diferentes percepções. Na trama, revelam-se algumas angústias dessas personagens, permitindo-nos conhecê-las melhor, pois “a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referência e seres autônomos” (ROSENFELD, 2011, p. 35).

Em *A ressaca, a estática e as ondas suaves* o narrador oferta pistas sobre as características físicas da personagem protagonista, sendo um homem sofrido, que passa pela dor do envelhecimento que um dia o levaria ao fim da vida: “Envelhecer dói. Ele descobria isso a cada segundo da existência. Eram pequenos achaques, pequenas dores, contínuos incômodos, reumatismos e faltas de ar” (PIMENTEL, 2014, p. 21). Essa personagem se mostra fraca e cansada diante dos problemas vivenciados: “Ele ouviu as três frases, ele ouviu as três ordens, mas sentiu um cansaço grande, tão grande, que as pernas não obedeceram, mesmo a ordem tendo sido dada pelo policial, tendo sido dada pelo seu cérebro” (PIMENTEL, 2014, p. 24).

Essas características físicas se confundem com as psicológicas, pois além do sofrimento físico o mesmo se tornou um homem calado e introvertido: “Ele não sabia o que fazer, o velhinho, nessa hora, não sabia nem falar, língua presa, pastosa na boca, falta de ar, diafragma murcho, pulmão murcho, vida murcha em frangalhos e rugas” (PIMENTEL, 2014, p. 24-25).

O narrador insinua que talvez a personagem protagonista fosse infeliz devido a sua vida sofrida: “Ele fechava os olhos, as dobras caindo sobre os olhos, tantas dobras, um pergaminho de lembranças presas naquele crânio analfabeto e talvez infeliz, e imagens belas eram embaladas pela música chiada que explodia em ondas vindas daquele quadrinho mágico” (PIMENTEL, 2014, p. 23). Percebe-se também uma personagem religiosa e tolerante, que professava sua fé ao confiar que a santa entendia o que lhe acontecia: “Havia, também uma imagem de Nossa Senhora pendurada na parede rachada. Ele olhava para ela e sabia que não precisava falar, Nossa Senhora entendia” (PIMENTEL, 2014, p. 24).

Neste conto há policiais, personagens antagonistas que exercem a função de completar o desfecho da narrativa e de pôr fim a vida do protagonista em nome da lei brasileira. Por suas atitudes caracterizam-se como homens autoritários, uma vez que invadem a casa do herói da narrativa, dando ordens sem se importarem com o sofrimento que estavam causando “–Apreende o aparelho! O senhor se levante! Está preso, em nome da ordem e da lei brasileira” (PIMENTEL, 2014, p. 24). Tais personagens são arrogantes, exibem o prazer em se mostrarem melhores que os demais, mesmo que para isto tenham que agir com desrespeito aos direitos dos outros:

– O senhor é surdo? Se é surdo, por que precisa de um rádio? Cadê a autorização? Se não tem, levamos a porcaria do rádio e prendemos o senhor por subversão, contravenção e desobediência das leis deste nobre país. Quer rádio, paga o imposto anual e preenche o controle. Se não, o que nos protegerá dos comunistas? (PIMENTEL, 2014, p. 22).

Nota-se que o narrador em um discurso reportado concede a voz para as personagens antagonistas da trama, que fazem uso abusivo de autoridade com tortura psicológica ao prometerem apreender o rádio. Questionam de maneira ríspida, menosprezando o aparelho e o ser humano ali calado e estático diante da situação. Queriam saber o porquê do silêncio do herói da narrativa. Se fosse “surdo” não precisaria da “porcaria” de um rádio, se não tivesse autorização e nem pago impostos para tê-lo seria preso.

Percebe-se também que os oponentes do protagonista acusaram-lhe de “subversivo”, sujeito que manifestava oposição declarada ao Governo e praticava a “contravenção”, a violação e a “desobediência” para com as leis do País. A intolerância dos policiais se perpetua ao extremo quando matam em nome da lei, pela desculpa supérflua de não licenciamento para portar um rádio: “Isto tudo se calava agora, com os dedos do policial recolhendo o radinho, ainda ligado, soltando o botão que caía com um estampido surdo no chão de terra, rimando com o brado retumbante, estridente e canoro do tiro, que derrubou o velhinho” (PIMENTEL, 2014, p. 25).

Continuando com as narrativas em terceira pessoa, que apresentam personagens cuja densidade psicológica procura expressar a relação conflituosa do homem com o mundo, entra em cerne a personagem do conto *Dalila*. Narrativa em que Pimentel faz referência ao casal bíblico Sansão e Dalila. De acordo com os relatos da Bíblia, Dalila acaba por se tornar uma inimiga que corta os cabelos do esposo, o segredo de sua força, levando-o a morte.

No conto estudado, pela perspectiva do narrador, a personagem ora é a “mocinha” ora é a antagonista da trama, uma “médica”, mulher ardilosa e que se utiliza da esperteza para convencer o personagem principal da narrativa de que ele é louco, loucura que tem origem na aparência física fora dos padrões exigidos pela sociedade: “A moça, ouvinte incisiva, óculos intelectuais, cabelos lisos, escorregadios, silhueta esquiva e diáfana, convencera-o de que era realmente louco” (PIMENTEL, 2014, p. 73).

A médica ao perceber que a personagem principal da narrativa estava apaixonada por ela faz o moço mudar de aparência, mesmo contra sua vontade: “Quando a médica lhe deu alta, seus primeiros e rápidos passos foram em direção à normalidade. Precisava cortar os cabelos, enquadrar-se, resgatar o seu dinheiro, resgatar com passadas ligeiras a aparência que o poria sob a natureza” (PIMENTEL, 2014, p. 74).

Desta forma, o protagonista da narrativa, um homem inseguro e de personalidade fraca, se deixa manipular pelas opiniões das pessoas a sua volta. Ao ouvir os conselhos da médica fez o que ela pediu simplesmente para agradá-la, sem pesar as consequências: “O instinto derruba o gigante que passa a ser apenas carne. O cabelo crescido era a consciência de que havia uma loucura organizadora e raivosa. Ele chacoalhava no ritmo dos passos ligeiros e da cabeça vazia” (PIMENTEL, 2014, p. 74). Mostra-se um homem que reclama de tudo, pessimista e que alega que a médica tirou-lhe o direito de ser louco: “Ele tentou tirar o cabelo, já inexistente na testa, dos olhos e pensou em correr, talvez andar depressa, caminhar. Mas estava tão cansado, meio perdido, sem grandes vontades, sem projetos” (PIMENTEL, 2014, p. 77).

No conto *A verdadeira dor*, mesmo sendo narrado em terceira pessoa, o escritor não atribui nome às personagens da narrativa, referindo-as apenas por “ele”, “esposa” e “mocinha”. Como trata de temas do cotidiano, o fato das personagens não terem nomes próprios possibilita a ideia de uma problemática coletiva e não individual, uma situação social.

A personagem protagonista é um empresário extremamente vaidoso, milionário e adepto ao luxo: “Sabia mesmo que queria cama, comida, água correndo pelos poros, água mineral descendo pela garganta, gelada, tomada em um copo de cristal, pois o ritual às vezes é mais importante que a necessidade” (PIMENTEL, 2014, p. 49). Nele há características como a arrogância e o preconceito, a não aceitação do envelhecimento e das transformações ocorridas no corpo feminino com o passar do tempo. Prefere valorizar a idealização de uma mulher advinda dos seus sonhos e fantasias:

Podia sentir a pele fresca, tão fresca, sorri pensando em uma peça rodrigueana pensando que todas as mulheres deveriam estacionar nos quinze anos, na pele macia, pós-espíngas, pré-rugas, recém-menstruadas, ainda com o doce da pureza a escorrer nas coxas brancas, nada de sol, nada de marcas de pecado ou desejo (PIMENTEL, 2014, p. 51).

Pele “fresca”, usada como aspecto físico, significa moça jovem e/ou pessoa que possui vigor e aqui serve ao narrador para caracterizar um aspecto psicológico do protagonista dessa narrativa, que criou em seus pensamentos uma mulher idealizada. O narrador mostra o plano da alucinação da personagem principal quando cita que esta podia “sentir” tal moça, comparando-a como uma “peça rodrigueana”. Essa ideia fixa de menina pura ganha força pelo uso do advérbio de intensidade “tão”, que serve para aguçar ainda mais a juventude e a beleza da moça de pele “fresca”.

As expressões “quinze anos”, “pele macia”, “pós-espíngas”, “recém-menstruadas”, “doce da pureza” e “nada de marcas de pecado ou desejo” servem para marcar uma fase na vida das mulheres que, pelo protagonista, vem a ser uma das melhores etapas. Ainda em meio as suas alucinações a personagem protagonista pensa que todas as mulheres deveriam estagnar nessa forma, negando o plano da realidade, o ciclo de amadurecimento corporal.

Ao demarcar o plano da realidade voltado às mudanças físicas a personagem principal da trama sente vergonha da própria esposa, desvalorizando-a com palavras ofensivas, chulas e agressivas: “Na mão, mínimos e anelares não fazem tanta falta. Ao menos o anelar não carrega mais o compromisso e, talvez, à merda da patroa gorda, emperiquitada, enfeitada às turras pra esconder sua frustração” (PIMENTEL, 2014, p. 50).

Nota-se que o narrador ao caracterizar a esposa do protagonista faz uso do modo direto, dando informações de forma explícita da personagem. De acordo com estudos de Tomachevski (1976, p.193) neste modo “recebemos uma informação sobre seu caráter através do autor, de outros personagens ou de uma autodescrição”. Sendo assim, o narrador caracteriza diretamente a esposa do protagonista como uma pessoa fútil, matrona, gorda, interesseira e desinteressada para com o sofrimento do marido:

A mulher, matrona safada e enfeitada, sentada no sofá de couro tratado, branco que doía as vistas, com a mesa de teça à frente, com uma jarra de suco natural recém batido, adoçado com leite condensado, calorias em lata para pelancas em corpo, estalando os beíços pintados, pendidos pela última aplicação de polímero, grande e gordos, combinando com os seios, com a cintura, com a alma. As amigas ao redor, ar choroso da esposa, leitoa de natal com uma maçã na boca, chorando não ter como pagar o resgate. E tinha. Tanto dinheiro, ela

sabia onde estava, tudo, quase tudo, o suficiente pra pagar pela vida dele, que dera uma vida a ela, páginas e páginas de revistas de fofoca, a madame, viagens para Europa, fim de semana na casa de praia, na casa de campo, vadia gorda (PIMENTEL, 2014, p. 52-53).

O narrador se predispõe ao uso de adjetivos ou expressões negativas para caracterizar essa personagem feminina, opondo-se à mulher idealizada pelo protagonista. Para tanto, nos aspectos físicos faz referência a mesma como “matrona”, significando uma mulher de meia idade; com aparência pesada, uma senhora que estava acima do peso ideal exigido pela sociedade, ainda mais sendo esposa de um homem que possui posses; pessoa de “beijos pendidos, grandes e gordos”, ou seja, demonstra uma mulher que sofreu as adversidades vindas do tempo e ainda reforça tal ideia ao comparar os lábios “caídos” e “gordos” com os “seios” e “cintura” da personagem.

Aos aspectos psicológicos a nomeia de “safada”, aqui significando deterioração pelo uso frequente, reafirmando o aspecto da idade; e “enfeitada” para ressaltar sua vaidade, o uso de joias e roupas concernentes ao nível econômico do casal. Adiante, a utilização da palavra “vadia” constrói a ideia de uma “madame”, mulher desocupada e sem interesse de trabalhar, apenas interessada pelo *status* perante a sociedade, pela mídia, em realizar viagens à praia, à casa de campo e até mesmo para a Europa.

Mocinha, por sua vez, é vista pelo narrador como uma jovem vaidosa, bonita, perspicaz ao instinto sexual: “Pensava nos seios de Mocinha, tão em flor, a moça, tão em flor seu sexo, aberto ao mundo, escancarado às vontades babentas de um velho sátiro” (PIMENTEL, 2014, p. 49). Mulher pobre e objeto de desejo sexual por parte dos homens ricos: “Quem sabe Mocinha, do subúrbio pra sociedade, do desconhecimento para as revistas da moda, tão linda, tão em flor, brilhando nas colunas sociais e despertando o desejo dos machos no cio da cidade” (PIMENTEL, 2014, p. 50).

Na narrativa *Cacos urbanos e outros pedaços de mosaico que não podem ser colados* Pimentel traz duas personagens femininas: a primeira, uma mulher que ao sofrer um acidente vem a óbito; e a segunda, uma mulher que dirigia o carro envolvido no acidente. A personagem que faleceu trata-se da protagonista, considerando que a trama inteira se desenrola por meio dela.

A personagem principal, na narração, aparece como uma mulher pobre, bonita, humilde e desejada pelos homens ao seu redor: “Era uma pobre mulher pobre. Tinha sua beleza, tinha seu charme, já fora até cantada na rua, muitas vezes até invejada por outros, quiçá desejada, <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Vanderley da Silva
Rosana Rodrigues da Silva

muitas vezes” (PIMENTEL, 2014, p. 70). Pessoa carinhosa, mãe de cinco filhos, mulher de bom gosto para se vestir, às vezes até com certa sensualidade: “Vestia-se com a modéstia que a vida lhe escolhera, mas acrescentava a sensualidade que na vida desenvolveu” (PIMENTEL, 2014, p. 70).

A segunda personagem termina por ser a antagonista, que de suma importância à narrativa representou a ameaça, a ceifadora da vida da protagonista no momento do acidente, o que contribuiu ao desfecho do conto. O narrador a caracteriza como uma mulher rica, bonita e de bom gosto: “Seu rosto não aparentava rugas, mas há nela algo de flor de supermercado cultivada em isopor. Seus cabelos têm um louro desmaiado, também cultivado em isopores, mesmo custando diamantes. Suas próteses perfeitas espalham-se pelos glúteos, pelos peitos, pelo rosto, boca adentro” (PIMENTEL, 2014, p. 68).

Quanto às características sociais, o narrador deixa transparecer que a antagonista perpetra a camada rica da sociedade e acaba por ser uma mulher fútil, o tipo de pessoa que faz qualquer coisa para mostrar os bens materiais adquiridos: “Seu ar é de um suave desleixe casual. Na verdade, aquele salto alto, bico fino, couro de cobras, aquele short marrom, no meio da coxa, sem barra, ameaçando desfiar, a blusa de seda, bordada em suaves arabescos indianos, tudo completado com uma echarpe, também de seda e uma bolsa” (PIMENTEL, 2014, p. 68). Ao mesmo tempo trata-se de uma pessoa infiel ao marido: “Visto que ela e o marido venciam a crise econômica mundial, quando, ao olhar de novo, com carinho e ódio – o mesmo que ela estendia aos amantes constantes, ela era um grande e chique clichê contemporâneo” (PIMENTEL, 2014, p. 69).

Diante disso, entende-se que as personagens construídas por Paulo Sesar Pimentel apresentam características do sujeito contemporâneo. Convivem com os dramas e conflitos do tempo presente. São, pois seres fictícios capazes de prender o leitor e levá-los a acreditar que a situação narrativa é verossímil. Agem de modo a emocionar e a impressionar, considerando que “a força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu” (CANDIDO, 2011, p. 59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se nesse trabalho dar destaque aos elementos da narrativa, em especial à

análise das personagens da seleta de contos *O cão sem penas* (2014), mostrando como este elemento, quando bem construído, contribui para a construção de sentido de um todo da obra.

Averiguou-se que as personagens construídas por Paulo Sesar Pimentel apresentam características do sujeito contemporâneo, dado que convivem com os dramas e conflitos do tempo presente. São seres fictícios capazes de prender o leitor e levá-los a acreditar que a situação narrativa é verossímil.

Dessa forma, em concordância com Candido (2011), as grandes personagens agem de modo a emocionar e a impressionar, considerando que sua força advém do sentimento máximo de complexidade que para com elas possuímos. Fato decorrente da “unidade”, “simplificação estrutural” e “criação do romancista”.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al. **A Personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

PIMENTEL, Paulo Sesar. **O cão sem penas**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. **A Personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 169-204.